



LITERATURA

8º ANO
Prof. JOZY

Lista:

04

Data: 06 / 04 / 2020

Aluno (a):

Nº

Crônica

- Texto narrativo curto;
- Pertence ao gênero literário épico;
- Produzido para ser publicado em meios de comunicação, como jornais e revistas;
- Trata de acontecimentos do cotidiano.

Alguns importantes cronistas brasileiros:

- Carlos Drummond de Andrade;
- Machado de Assis;
- Lima Barreto.

Observação: existem vários tipos de crônicas, mas iremos estudá-los apenas na próxima aula.

O texto a seguir foi o lido durante a vídeo - aula:

O VELHO

(Carlos Drummond de Andrade)

Vocês não acreditam, mas também este cronista costuma ir ao Banco, e não só para pagar contas de luz, gás, telefone. Vai conversar com o Gerente - um gerente simpático, desses que não coçam a orelha quando a gente propõe uma reforma de título. Mas quem sou eu para pleitear tamanha mercê? Procuo o Gerente para conversar sobre ameadades, e ele me ouve com paciência e atenção. Até me conta coisas de seu filho, o Escritor. O Escritor tem três anos e escreve literalmente em todas as paredes da casa. Fareja livros com gravuras e sem gravuras e aprende coisas que eu, possivelmente, ignoro. A curiosidade intelectual do Escritor é insaciável. Assim fazemos do Banco, sem prejuízo dos interesses bancários (pois o Gerente é uma fera para trabalhar no meio das maiores apoquentações), um lugar de grato repouso.

Ontem o gerente estava tão assoberbado de clientes, papéis, telefonemas, recados, que não tive coragem de me aproximar. Fiquei à espera na poltrona, ao lado de dois rapazes que também esperavam. Esperavam e conversavam sobre política, inflação, Copa do Mundo.

– E como vai teu velho?

– Meu velho? Respondeu o outro. – Aquele vai sempre bem. Melhor do que eu, você e todo mundo.

– Qual a última dele?

– Não tem última. Todas são novas e contínuas. Aos sessent'anos – sessenta e lá vai fumaça – nada, corre, entra em pelada, monta, joga vôlei e só não rema porque não encontra companheiros com a mesma fibra, para disputar regata. Enquanto isso, fuma e bebe.

– E... no resto?

– No resto ele é ainda de goleada. Parece mentira, mas as mulheres adoram o Velho, e ele capricha para dar conta do serviço.

– Quantas vezes ele já casou?

– Perdi a conta. Quatro ou cinco, se não me engano. Ou seis. O extraordinário é que nenhuma das ex se queixa dele, todas que conheço continuaram suas amigas e, de um modo ou outro, dão a entender que o desempenho dele é cem por cento. Sabe de uma coisa?

– Sei. Você tem inveja dele.

– Tenho. Pra que mentir? Meu primeiro casamento não deu certo, o segundo menos ainda. Então desisti, agora sou *free-lancer*. Mas com o Velho é diferente. Todos os casamentos funcionaram.

– Então, por que acabaram?

– O Velho tem uma teoria que casamento não pode esfriar, vira rotina. Antes que isto aconteça, ele passa uma conversa manhosa na gatona – é especialista em gatonas – e o último episódio da novelinha é vivido sem choro nem briga. Um sábio.

– Um mestre.

– É como eu costumo chamá-lo. Ele responde que não tirou diploma e que todo mundo se for habilidoso, tira de letra. Tem dia que chego a me preocupar: "Mestre, olha essas coronárias!" Ele ri, não dá confiança em responder.

“Mestre, não tem medo de negar fogo?” Aí então nem se dá ao trabalho de me olhar; faz que não ouviu. O Nuno, meu irmão mais velho – irmão de pai e mãe, do primeiro casamento -, fica besta de ver tanta resistência, e diz que o Velho não existe, que nosso pai é Energia Cósmica em pessoa.

– E teus outros irmãos?

– Os outros? Deixe ver... Somos quatorze irmãos, espalhados no mundo. Todos adoram o Velho, aliás o Nuno também. Falei quatorze, mas só Deus sabe quantos haverá por aí, desconhecidos da gente. Nem o Velho sabe.

– Algum de vocês puxou a ele na vitalidade?

– Uns fazem força, não creio que consigam. Esse negócio não comporta imitação. Ou bem que o cara nasceu com alegria de viver e gozar a vida, ou nasceu sem isso, e não tem vitamina que ajude. Claro que sempre há margem para *performances* individuais brilhantes, e o normal é a gente ser bem-sucedida – até certo ponto, o ponto X. Mas o Velho excede a marcação. Nunca vi ninguém tão identificado com o mundo, a mulher, as coisas agradáveis da vida. Sem contar vantagem – isso é importante. Não se vangloria de nada. Vive plenamente.

– Quer dizer que ele dá nó até em pingo d’água?

– Não faz outra coisa. Bem, vou indo. Nosso amigo Gerente ainda não se desvencilhou daquele cara, e eu prefiro voltar depois.

– Espera mais um pouco.

– Não posso. Tenho de ir a um batizado.

– Essa não!

– O Velho está me esperando. Me escolheu para padrinho do seu rebento mais novo. Tenho um irmãozinho de dois meses, não te contei ainda? *Ciao*.

EXERCÍCIOS:

Leia a crônica a seguir e responda as questões:

Mendigo

Eu estava diante de uma banca de jornais na Avenida, quando a mão do mendigo se estendeu. Dei-lhe uma nota tão suja e tão amassada quanto ele. Guardou-a no bolso, agradeceu com um seco obrigado e começou a ler as manchetes dos vespertinos. Depois me disse:

– Não acredito um pingo em jornalistas. São muito mentirosos. Mas tá certo: mentem para ganhar a vida. O importante é o homem ganhar a vida, o resto é besteira.

Calou-se e continuou a ler as notícias eleitorais:

– O Brasil ainda não teve um governo que prestasse. Nem rei, nem presidente. Tudo uma cambada só.

Reconheceu algumas qualidades nessa ou naquela figura (aliás, com invulgar pertinência para um mendigo), mas isso, a seu ver, não queria dizer nada:

– O problema é o fundo da coisa: o caso é que o homem não presta. Ora, se o homem não presta, todos os futuros presidentes serão ruínas. A natureza humana é que é de barro ordinário. Meu pai, por exemplo, foi um homem bastante bom. Mas não deu certo ser bom durante muito tempo: então ele virou ruim.

Suspeitando de que eu não estivesse convencido da sua teoria, passou a demonstrar para mim que também ele era um sujeito ordinário como os outros:

– O senhor não vê? Estou aqui pedindo esmola, quando poderia estar trabalhando. Eu não tenho defeito físico nenhum e até que não posso me queixar da saúde.

Tirei do bolso uma nota de cinquenta e lhe ofereci pela sua franqueza.

– Muito obrigado, moço, mas não vá pensar que eu vou tirar o senhor da minha teoria. Vai me desculpar, mas o senhor também no fundo é igualzinho aos outros. Aliás, quer saber de uma coisa? Houve um homem de fato bom. Chamava-se Jesus Cristo. Mas o senhor viu o que fizeram com ele?

Para gostar de ler. Vol. 2. São Paulo: Ática, 1978.

01. Qual o assunto do cotidiano tratado na crônica?

02. Sobre a crônica, assinale a afirmativa correta.

- a) Intenciona levar o leitor a refletir sobre a relação homem e qualidade de vida.
- b) Aborda um momento na vida do mendigo, leitor de jornais, que se posiciona frente às manchetes.
- c) Contrasta características inerentes a presidentes com as inerentes a jornalistas.
- d) A fala do mendigo, ao usar a si mesmo como exemplo de sujeito ruim, é um argumento incoerente.
- e) O cronista, no final do texto, mantém a mesma percepção do mendigo tida no início.

03. As frases “Não acredito um pingo em jornalistas.” E “São muito mentirosos.” Guardam implícita uma relação de sentido de causa/consequência. Reescrevendo-as em um único período e conservando esse sentido, ficaria:

- a) Não acredito um pingo em jornalistas, por serem muito mentirosos.
- b) Não acredito um pingo em jornalistas, apesar de serem muito mentirosos.
- c) Não acredito um pingo em jornalistas, embora sejam muito mentirosos.

- d) Não acredito um pingo em jornalistas, mas são muito mentirosos.
- e) Não acredito um pingo em jornalistas, portanto são muito mentirosos.

04. Assinale a alternativa que apresenta a mesma ideia contida no seguinte trecho: “Meu pai, por exemplo, foi um homem bastante bom. Mas não deu certo ser bom durante muito tempo: então ele virou ruim.”

- a) “Amigos para sempre
É o que nós iremos ser
Na primavera
E em qualquer das estações”
- b) “O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.”
- c) “Um galo sozinho não tece uma manhã;
Ele precisará sempre de outros galos.”
- d) “Como dois e dois são quatro
Sei que a vida vale a pena
Embora o pão seja caro
E a liberdade pequena.”
- e) “Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.”

05. Leia a frase abaixo:

“Tirei do bolso uma nota de cinquenta e lhe ofereci pela sua franqueza.”

Com relação a essa atitude do narrador, pode-se afirmar que o mendigo:

- a) passa a admirá-lo pelo gesto solidário.
- b) começa a enxergá-lo como um ser menos nocivo à
- c) sociedade.
- d) não o vê melhor do que antes, apesar da doação.
- e) se coloca inferior ao narrador ao receber tamanha quantia.